





## Especial Construção



O Negócios publica uma série onde avalia três anos de programa de ajustamento e perspectiva o pós-troika. Leia, diariamente, a análise aos temas que marcaram este período.



### A FIGURA



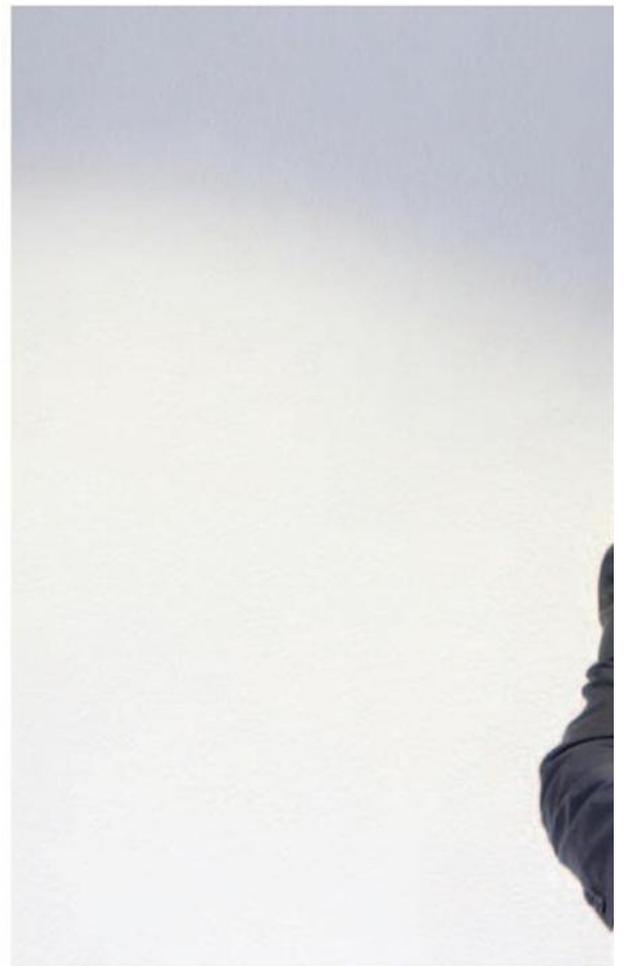
**Álvaro Santos Pereira**

Foi como ministro da Economia que assinou, em Março de 2013, o compromisso com a confederação da construção para a reanimação do sector, o qual reconhecia então como o mais afectado pela crise. A reabilitação passou a ser o foco, terminados os anos das grandes obras.

### CONSTRUÇÃO

# Com a casa em ruínas, sector reabilita-se lá fora

A internacionalização é o caminho para sair da crise e tem potencial para crescer se for alargada a PME. Mas aproveitar a oportunidade exige dimensão, inovação e qualificação



### A FRASE

Infelizmente na área da construção não estamos a ver sinais de retoma.

**GONÇALO MOURA MARTINS**  
CEO da Mota-Engil

### MARIA JOÃO BABO

No ano passado, o volume de negócios obtido pelas empresas de construção nos mercados internacionais atingiu os cinco mil milhões de euros, equivalente a 3% do PIB. Um valor que supera os 9,2 mil milhões com o imobiliário.

A internacionalização foi a resposta que o sector deu à redução drástica do investimento, associada à crise do sector da habitação e ao excesso de capacidade instalada, num mercado interno estruturalmente reduzido.

Para Carlos Matias Ramos, bastonário da Ordem dos Engenheiros, os fortes ajustamentos tiveram consequências acentuadas para as PME, que "não tiveram nem tempo nem estrutura para se adaptar à crise, conduzindo ao seu desaparecimento".

Já as empresas de maior dimensão e mais apetrechadas tecnicamente "desenvolveram uma forte aposta nos mercados internacionais, tendo-se verificado, ao longo dos últimos anos, um crescimento a uma taxa média anual de 20%". Em sua opinião, esse crescimento foi não só uma necessidade, mas também uma

oportunidade, resultante do nível de crescimento de alguns mercados, nomeadamente africanos, e do ciclo de investimento em infra-estruturas nas economias emergentes, designadamente na América Central e do Sul. "Foi possível porque as empresas tinham um curriculum e uma capacidade demonstrada de realização de obras de grande complexidade". Na opinião do bastonário, "o selo da engenharia portuguesa tem sido um passaporte para o sucesso da internacionalização".

Para que as empresas possam aproveitar oportunidades de negócio nos mercados internacionais, "têm de ter dimensão, estrutura, organização e interligação, o que pressupõe a qualificação e criatividade dos seus quadros e trabalhadores, associada à sofisticação e competitividade dos seus métodos e processos de trabalho", avisa. "A inovação assume um papel determinante. A manutenção de processos ou formas de organização caducos e a recusa e o medo de experimentar e avaliar novos procedimentos pode pagar-se muito caro". Além disso, sublinha Matias Ramos, para complementar o seu esforço é necessário do Gover-

Um país que não valoriza a sua engenharia é um país sem futuro.

**CARLOS MATIAS RAMOS**  
Bastonário Ordem dos Engenheiros

Muitas empresas não só resistiram e consolidaram a sua posição, como assistimos, nos últimos meses, ao surgimento de novos empreendedores.

**MANUEL REIS CAMPOS**  
Presidente da CPIC

no o "estabelecimento de linhas de crédito ajustadas e uma adequada política de diplomacia económica".

O responsável considera que existe um risco do país desperdiçar recursos e competências. Se "não for definida uma estratégia capaz de mobilizar o conhecimento existente" ou "não existir uma aposta na reabilitação urbana qualificada", alerta. "Ao perdermos recursos, nomeadamente engenheiros, para empresas de outros países, estamos a reduzir a capacidade de internacionalização das empresas e de recuperação do País".

Também Manuel Reis Campos, presidente da Confederação Portuguesa da Construção e do Imobiliário, não tem dúvidas de que "a internacionalização é um dos mais relevantes vectores para que se possa ultrapassar esta crise". Para o responsável, continua a haver "um apreciável potencial de crescimento", especialmente se "se alargar este processo a um número mais amplo de empresas, em especial PME". No entanto, "a sustentabilidade deste número também depende, em grande medida, da capacidade de estabelecer o mercado nacional".



Miguel Baltazar



## Governo assume compromisso

O ministro da Economia, Álvaro Santos Pereira, e o secretário de Estado das Obras Públicas, Sérgio Monteiro, assinaram em Março de 2013 um compromisso com a Confederação Portuguesa da Construção e do Imobiliário. No total, eram 52 medidas para relançar o sector que, gradualmente, têm vindo a ser postas em prática. Além de alocar verbas do QREN ao sector, o documento estipulava ainda intervenções ao nível do acesso a financiamento, reabilitação e arrendamento, formação profissional, revitalização empresarial, investimento público e internacionalização.

## PERGUNTAS A

### ● MANUEL REIS CAMPOS

PRESIDENTE DA CPCI

“O que se exige é que a economia volte a crescer”

**A construção e imobiliário foi, além da administração pública, o sector que mais mudou pelo ajustamento que o país teve de fazer?**

O sector não mudou, apenas teve de se ajustar à nova realidade. Continuamos a ter uma construção e imobiliário de qualidade, reconhecida nacional e internacionalmente e com capacidade de resposta para qualquer obra que o País necessite. O que se exige no imediato é que a economia regressasse a um trajecto de crescimento e sustentabilidade, sendo certo que o sector, como sempre, estará disponível e preparado para a resposta que se impõe.

**O sector voltará a ser uma alavanca do crescimento?**

A construção e imobiliário representa cerca de 60% do investimento total da economia portuguesa, valor que é similar ao apurado na generalidade das economias avançadas. É o facto de ser reconhecido como “alavanca do crescimento” que tem levado a que os Governos e a Comissão Europeia coloquem esta actividade no centro das suas estratégias de recuperação da economia.

**O que vai o sector no futuro?**

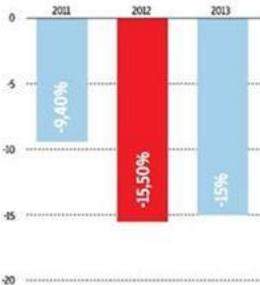
Vai ser o que sempre foi: o grande motor do investimento, consequentemente, do crescimento económico e do emprego. Temos vindo a trabalhar numa estratégia para a dinamização do sector pelo que espero que Portugal seja capaz de reiniciar um novo período de desenvolvimento económico em que o nosso tecido empresarial irá desempenhar um papel fundamental.

**Que importância vai ter o Plano Estratégico de Transportes e Infra-estruturas (PETI)?**

Vai ser fundamental. Quanto ao impacto directo no sector, mais do que o volume anual esperado, o que está em causa é a concretização de um objectivo antigo das empresas do sector, que é a definição de uma calendarização rigorosa em matéria de investimento público e da sua correcta execução.

## RADIOGRAFIA DA CRISE DO SECTOR

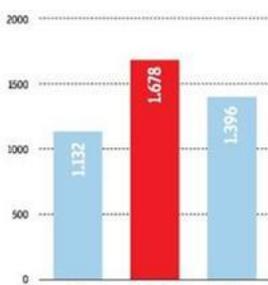
### TRÊS ANOS MUITO NEGATIVOS VARIACÃO ANUAL DA PRODUÇÃO



Fonte: CPI

Desde 2001 que o sector não regista um ano positivo da produção, com a crise a agudizar-se nos últimos três anos. O segmento da habitação foi o que mais caiu: 17% em 2011, 20% em 2012 e 18% no ano passado. Em 2013, o não residencial recuou 13,8% e o de engenharia civil 15%.

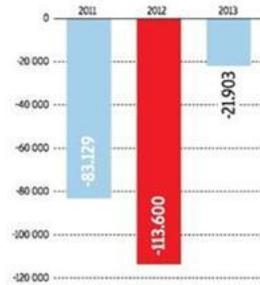
### INSOLVÊNCIAS ABRANDARAM NÚMERO DIMINUI EM 2013



Fonte: CPI

Em 2012 o número de insolvências no sector da construção ultrapassou as 1.600 empresas, tendo o aumento face ao ano anterior sido de 48,2%. No ano passado houve uma atenuação da tendência, com as falências a somarem menos de 1.400, recuando 16,8% face a 2012.

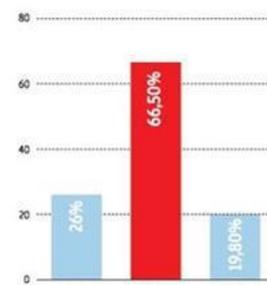
### PERDA DE EMPREGO ATENUA-SE 2012 FOI O ANO DE MAIOR QUEDA



Fonte: CPI

O sector da construção e imobiliário tem perdido empregos todos os anos. Ainda assim, de acordo com a CPCI, no último trimestre de 2013 foi possível gerar 15 mil novos postos de trabalho e, para o primeiro trimestre de 2014, a expectativa é que possam ser criados mais 17 mil.

### CRÉDITO MENOS MALPARADO INCUMPRIMENTO ABRANDA



Fonte: CPI

O crédito concedido ao sector diminuiu nos últimos três anos: 5% em 2011, 7,4% em 2012 e 10,9% em 2013. Já o malparado registou em 2012 o maior aumento deste período, de mais de 66%. No ano passado, a subida foi inferior à que tinha sido registada em 2011.



## Especial Construção

# Sector ainda emprega 625 mil depois de 12 anos de crise



A produção do sector caiu 57% desde 2001 e para este ano está prevista nova quebra, mas mais branda. Nos últimos seis meses poderão ter sido recuperados 32 mil empregos

Há 12 anos que o sector da construção e imobiliário está em crise, sendo de 57% a quebra total acumulada da produção nesse período. De acordo com Manuel Reis Campos, presidente da Confederação Portuguesa da Construção e do Imobiliário (CPCI), "os últimos três anos representaram o agudizar desta crise, que atingiu o seu pico no início do ano passado", coincidindo "com as maiores dificuldades impostas pelo sistema financeiro às empresas".

Os últimos anos foram marcados pelo desaparecimento de empresas ou pelo seu redimensionamento. Como recorda o responsável, o sector viveu a retracção do mercado interno, com a diminuição do investimento público e privado, e "a ausência de soluções por parte da banca e por parte de um Estado, que não investiu, nem pagou as suas dívidas". Pela diversificação e especialização ou pela internacionalização, "o sector adaptou-se".

De acordo com Reis Campos, em termos absolutos, a construção e

imobiliário foi a actividade que mais postos de trabalho perdeu nos últimos cinco anos, mas mantém ainda 625 mil empregos. "Se a estratégia recair no reforço da competitividade do País, seguramente que manteremos a liderança no que diz respeito à geração e manutenção de emprego", sublinha. No último trimestre de 2013, o sector foi capaz de gerar 15 mil novos postos de trabalho e, para o primeiro trimestre de 2014, a expectativa da CPCI é que, "com o impulso dado pela concretização das medidas contempladas no 'Compromisso para a Competitividade Sustentável do Sector da Construção e do Imobiliário'", possam ser criados mais 17 mil novos postos de trabalho.

"Muitas empresas não só resistiram e consolidaram a sua posição, como de igual modo assistimos, nos últimos meses, ao surgimento de novos empreendedores que procuram aproveitar as oportunidades criadas pela mudança de paradigma, assente em grande parte no mercado da reabilitação urbana e da sustentabi-

lidade, que apresenta um potencial imenso". Agora, o sector aguarda os projectos de mais de 6.000 milhões previstos no Plano Estratégico dos Transportes e Infra-estruturas.

De acordo com a Euroconstruct, para o período 2012/2014 é esperado para Portugal um decréscimo médio anual de 7,9%. Considerado o sector das infra-estruturas, "o panorama é mais negro, sendo estimada uma variação média anual para Portugal de -13,1%", assinala Carlos Matias Ramos, lembrando que para a União Europeia é esperada uma quebra de 1,4%. O bastonário da Ordem dos Engenheiros apela a consensos políticos para o investimento público. "As empresas de projecto e de construção e as instituições de investigação não podem andar ao sabor de decisões políticas de 'pára/arranca', que impedem um planeamento, em antecipação, para dar resposta adequada e em tempo à concretização dessas decisões", afirma, recordando a falta de confiança e os encargos gerados pelo anular de decisões. **MJB**



### O QUE DIZIA O MEMORANDO

"O Governo adoptará legislação para simplificar os procedimentos administrativos em matéria de reabilitação", estabelecia o memorando de entendimento assinado em Maio de 2011. O documento refere ainda medidas para tornar "menos complexos os requisitos para os prestadores transfronteiriços de actividades no ramo da construção e do imobiliário".



### O QUE CORREU BEM

Confrontadas com a falta de trabalho no mercado doméstico, as construtoras portuguesas apostaram forte na internacionalização. Para os grandes grupos, como a Mota-Engil ou a Teixeira Duarte, a actividade fora de Portugal representava, no final de 2013, 74% e 81% do volume de negócios, respectivamente. Também as construtoras mais pequenas têm estado a ganhar obras no exterior.



### O QUE CORREU MAL

O endividamento do sector é um problema por resolver. A construção e imobiliário devem à banca cerca de 31 mil milhões de euros, atingindo o crédito malparado seis mil milhões. O atraso dos pagamentos do Estado e autarquias é também ainda um problema. A dívida, que chegou a atingir 1,6 mil milhões, reduziu-se, mas os prazos continuam acima dos oito meses.



### CRONOLOGIA

#### MAIO DE 2011

**Sector não é ouvido**  
O memorando de entendimento é assinado, mas a construção queixa-se de não ter sido ouvido pela troika.

#### AGOSTO DE 2011

**Aposta internacional**  
Ao mesmo tempo que em Portugal o sector reclama ajuda urgente ao Governo, as maiores construtoras anunciam adjudicações no exterior: a Soares da Costa no Brasil e EUA, a Teixeira Duarte na Venezuela e a Mota-Engil no Peru.

#### OCTUBRO DE 2011

**Despedimentos**  
Dados do sector revelam que todos os dias se perdem quatro empresas e 140 trabalhadores. Grupos como a Novopca e a Opway anunciam despedimentos, enquanto a Soares da Costa avança com uma reestruturação e rescisões com 900 trabalhadores.

#### JANEIRO DE 2012

**Sector em reestruturação**

Na mesma altura em que Edifer e FDO estão com salários em atraso, as associações da construção pedem ao Governo que declare o sector em reestruturação.

#### MARÇO DE 2012

**Edifer no fundo Vallis**  
Mais de 50 mil trabalhadores da construção têm salários em atraso. A Edifer entra no fundo Vallis, criado para a recuperação de empresas.

#### AGOSTO DE 2012

**Novas regras para caução**  
A crise leva mais de 100 construtoras a recorrerem ao "lay-off". Construção e imobiliário perdem 29 empresas por dia. O regime excepcional para caução na construção entra em vigor. Ideia é libertar 5.300 milhões de euros e gerar poupanças de 160 milhões em encargos financeiros.

#### SETEMBRO DE 2012

**100 mil no desemprego**  
O fundo Vallis fecha compra da MonteAdriano e da Hagen. A Edifer

despede 200 trabalhadores por causa de quebra nas encomendas e a Opway avança com despedimento colectivo. O desemprego atinge 100 mil pessoas.

#### NOVEMBRO DE 2012

**SdC faz acordo com bancos**  
A Mota-Engil compra participação em construtora brasileira. Já a Soares da Costa celebra acordo para reprogramação de endividamento bancário. O grupo Lena ganha construção de 20 mil casas na Argélia.

#### JANEIRO DE 2013

**Fundo Vallis junta quatro**  
O grupo Eusébios entra para o fundo Vallis, que em Maio se passa a chamar grupo Elevo. A Mota-Engil assume meta de crescer 45% até 2015.

#### MARÇO DE 2013

**Compromisso assinado**  
O Governo assina com a confederação do sector o "Compromisso para a Competitividade Sustentável da Construção e Imobiliário" para fazer face à crise. Construtora do Tâmega

#### JANEIRO DE 2014

**Grandes projectos**  
Depois de em Novembro ter anunciado intenção de cotar a participada em África em bolsa, a Mota-Engil ganha obras de 780 milhões de euros na Europa, África e América Latina. Já a Teixeira Duarte ganha contrato de 3,5 mil milhões na Venezuela.

#### FEVEREIRO DE 2014

**Mosquito na SdC**  
António Mosquito injecta 70 milhões e assume 67% da construtora da Soares da Costa. O Governo cria reabilitação "low cost".

#### ABRIL DE 2014

**59 projectos prioritários**  
O Governo apresenta plano com um total de 59 projectos prioritários e um investimento de 6.067 milhões de euros até 2020.